



### GT 013. Antropologia da Técnica

Fabio Mura (PPGA-UFPB) - Coordenador/a, Eduardo Di Deus (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - PPGAS/UnB) - Coordenador/a, Carlos Emanuel Sautchuk (Universidade de Brasília) - Debatedor/a, Caetano Kayuna Sordi Barbara Dias (Universidade de Caxias do Sul) - Debatedor/a, Alessandro Roberto de Oliveira (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Universidade Federal de Goiás) - Debatedor/a

O GT Antropologia da Técnica chega a sua terceira edição tendo contribuído para a ampliação do interesse pelo tema e a consolidação desta área de estudos na antropologia brasileira. A partir da definição de técnica como ato tradicional eficaz, oferecida por Mauss, a compreensão dos processos técnicos se desenvolveu com especial atenção para a diversidade de relações e interações entre humanos, artefatos, plantas, animais, minerais e ambiente de modo geral. Para compreender tais processos resulta significativo focar as práticas, os conhecimentos e as habilidades que estão na base das cadeias operatórias, não como mera projeção de uma tecnologia, mas como propriedades de ação sobre materiais. Neste sentido, pretendemos aqui salientar, entre os processos técnicos, o trabalho como ato que coloca as mãos em obra, centrado justamente na manifestação de habilidades práticas, fruto da experiência no ambiente, ele mesmo entendido como meio técnico, nos termos de Lévi-Strauss. Infelizmente também se dá aos efeitos oriundos das intenções e de práticas técnicas que redundam na configuração de relações de poder. Tal proceder permite focar atos políticos voltados a mobilizar, ordenar e hierarquizar forças e materiais, não como em oposição à dimensão material, mas como técnicas de uso e de controle, fundamentais na formação de sistemas técnicos. Assim, espera-se aqui reunir trabalhos etnográficos e analíticos que foquem os processos técnicos na direção de tais preocupações.

#### **‘Eu ainda tenho fome!’: considerações técnicas sobre um problema agrícola entre os Panará.**

**Autoria:** Fabiano Campelo Bechelany

Após a realização de um projeto que teve como objetivo mobilizar o coletivo de agricultoras e agricultores para retomar a produção de alimentos, os Panará permanecem com a inquieta constatação de que as novas roças ainda não os alimentam. Neste work busco me aproximar dessa inquietação e ajudar os Panará e seus colaboradores a superá-la. Para tanto, parto de uma análise do sistema técnico da agricultura dos Panará, grupo que vive na Amazônia meridional e cultiva sobretudo mandiocas, batatas-doces, bananas e amendoins. Observar a estrutura técnica de suas roças é uma forma de tratar um dos pontos sensíveis do problema: a correlação entre as formas de saciar o desejo alimentar e os modos de ação apropriada para produzir suas roças. Processos atuais parecem afetar as operações que ocorrem entre pessoas e plantas cultivadas. Algumas das mudanças se encontram no advento de outras atividades produtivas nas aldeias, como os works assalariados. Essas novas atividades vêm modificando o tempo e o espaço das práticas agrícolas e, conseqüentemente, seus processos criativos geradores de pessoas e plantas produzem um bom alimento. Outras transformações, como o consumo de comida de branco (ipê jô son) se somam a essas, afetando os valores e os materiais que circulam pelas formas elementares da vida alimentar panará. Este texto se baseia no meu acompanhamento do projeto ‘Puu popoti? roças tradicionais panará’, realizado entre os anos de 2015 e 2017 e executado pela Associação Iakiô Panará e o Instituto Socioambiental (ISA). Durante esse período, realizamos oficinas temáticas sobre a agricultura panará, associadas à abertura de roças coletivas e



novas roças familiares que foram objeto de um concurso da 'roça mais bela'. Pontos de vista diferentes sobre o projeto se apresentam. Para os executores não-indígenas (incluído este antropólogo), o projeto foi bem-sucedido ao aumentar consideravelmente o número de roças, ao fazer circular variedades agrícolas e ao mobilizar diferentes gerações para um work conjunto. Porém, entre os Panará há quem tenha avaliação distinta. Notadamente entre os mais velhos, há aqueles que afirmam hoje que ainda estão com fome, uma das queixas que o projeto procurava superar. Se este problema aponta para uma relação entre às necessidades e o desejo alimentar que parece esgarçar-se com as transformações no sistema agrícola panará, uma análise da tecnogênese da 'roça redonda panará' (a puu popoti) permite investigar que alimento (não) é produzido para saciar esse desejo.



**Realização:**



**Apoio:**



**Organização:**

